



**Michael Löwy\***

**Walter Benjamin e o Surrealismo.**

**As núpcias químicas de dois materialismos<sup>1</sup>**

**Tradução:** Jacira Freitas

**Revisão:** Francisco Pinheiro Machado

**Resumo:** o presente artigo busca mostrar como o peculiar materialismo de Walter Benjamin se constitui por meio da articulação que estabelece entre o materialismo dialético e o antropológico. Este, compreendido como uma manifestação de caráter romântico-anticapitalista que visa um re-encantamento do mundo, operaria como que uma correção daquele. Essa posição de Benjamin é particularmente manifesta em sua recepção do surrealismo.

**Palavras-chave:** materialismo antropológico, materialismo dialético, utopia, iluminação profana.

**Abstract:** this article aims to show how Walter Benjamin's peculiar materialism establishes a link between dialectical and anthropological materialism. Anthropological materialism, as a romantic and anti-capitalistic expression that attempts the re-enchancement of the world, may correct the dialectical one. Such position is visible particularly in Benjamin's reception of surrealism.

**Keywords:** anthropological materialism, dialectical materialism, utopia, profane illumination.

---

\* Diretor de pesquisas do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), Paris.

1 Este artigo foi publicado originalmente em Francês em: *Anthropology & Materialism* [Online], 1, 2013. <<http://am.revues.org/123>> .

O que têm em comum os surrealistas e Georg Büchner, Ludwig Feuerbach, Jean Paul, Karl Gutzkow, Gottfried Keller, Enfantin, Claire Demar, Charles Fourier? De acordo com Walter Benjamin esses são, dentre outros, exemplos do materialismo antropológico. Esse pensador sutil e elíptico não tem por hábito dar definições cartesianas de seus conceitos: sua riqueza polissêmica é também uma das razões para o encanto que exercem seus escritos... A expressão "ateísmo hedonista" que ele utiliza a respeito de Gottfried Keller é uma pista interessante, mas insuficiente<sup>2</sup>. O mesmo vale para a emancipação da carne de Enfantin, o feminismo radical de Claire Demar ou a harmonia das paixões em Fourier.

Evito propor uma definição, mas arriscaria a seguinte hipótese: o materialismo antropológico poderia ser considerado uma das manifestações de um imaginário romântico crítico e/ou utópico em ruptura com a religião e/ou com o idealismo alemão e/ou com o materialismo vulgar. Por "romantismo" eu não entendo aqui somente uma escola literária do século XIX, mas uma *visão de mundo*, um protesto cultural contra o desencantamento capitalista do mundo, contra a civilização burguesa moderna em nome de valores pré-capitalistas. De certo modo, o romantismo pode ser considerado como uma tentativa, animada pela energia do desespero e iluminada pelo sol negro da melancolia (Gerard de Nerval), de *re-encantamento do mundo* sob formas religiosas, nos românticos tradicionalistas, ou profanas, nos "materialistas antropológicos"<sup>3</sup>. Uma revolta "moderna/ anti-moderna" que pode tomar formas regressivas – o sonho de um impossível retorno ao passado – ou de formas críticas/utópicas que aspiram um *retorno* ao passado em direção de um futuro novo, livre e fraterno. Evidentemente, é a essa segunda sensibilidade que pertence tanto Walter Benjamin quanto os surrealistas.

Em uma nota do *Livro das Passagens*, Benjamin cita um texto de Emmanuel Berl – um racionalista limitado, hostil aos surrealistas – que denuncia em seus escritos uma confusão entre "o não-conformismo moral e a revolução proletária" típica do período anterior a Marx, aquela do socialismo utópico dos anos 1820-1840. Benjamin se dissocia dessa posição e observa, nos surrealistas, elementos que parecem "refratários ao marxismo": o materialismo antropológico e a hostilidade ao progresso.

---

2 BENJAMIN, Walter. "Gottfried Keller" (1927), in *Œuvres*, II. Paris: Folio Gallimard, 2000, p. 19.

3 Para uma discussão mais detalhada desse conceito no que diz respeito a Walter Benjamin, reenvio a minha recente obra com Robert Sayre, *Esprits de feu. Figures de l'anti-capitalisme romantique*. Paris: Editions du Sandre, 2010.

Ora, sabemos que o marxismo que Benjamin se propõe reconstruir é precisamente fundado na *inclusão* desses dois elementos. Assim, em outra nota do mesmo livro, comparando Enfantin, Büchner e Feuerbach como representantes do materialismo antropológico, ele esboça a seguinte conclusão: "O materialismo dialético inclui o materialismo antropológico"<sup>4</sup>.

Essa "inclusão", articulação ou fusão entre dois materialismos é facilitada por certas *afinidades eletivas* entre os dois: não somente o materialismo e o ateísmo, mas também a revolta contra a ordem burguesa – família, Estado, propriedade privada – e a utopia de uma nova sociedade. Essa convergência é um dos temas centrais do ensaio de 1929, "Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia", um dos escritos mais "iluminados" (profanos) jamais redigidos. Retomo em minha exposição aquilo que Marc Berdet antecipou em sua tese: o objetivo de Benjamin é corrigir o materialismo dialético pelo materialismo antropológico, e, inversamente, em vista de "restituir uma espessura sensível à revolução sem retirar dela sua virtude emancipadora".<sup>5</sup>

Em uma passagem reveladora do artigo sobre o surrealismo, Benjamin opõe o materialismo antropológico de Hebel, Büchner, Nietzsche, Rimbaud e dos surrealistas – ainda uma configuração um pouco diferente daquelas do *Livro das Passagens* – ao materialismo metafísico de Vogt e de Bukharin.<sup>6</sup> Se Karl Vogt e Jacobus Moleschott encarnam desde sempre, aos olhos dos marxistas, o materialismo mecanicista, evolucionista, metafísico e anti-dialético do século XIX, a referência à Nikolai Ivanovitch Bukharin, um dos principais pensadores do marxismo soviético dos anos 1920, é bem mais irreverente. Ela testemunha a independência de espírito de Benjamin, malgrado sua simpatia pela experiência soviética e pelo movimento comunista, claramente estabelecida a partir de 1924. Pode-se perguntar se Benjamin não leu a brilhante crítica do materialismo positivista de Bukharin publicada em 1925 por Georg Lukács. Esta tomada de distância tão nítida em relação ao marxismo

---

4 BENJAMIN, Walter. *Livre des Passage*. Paris: Editions du Cerf, 2000, pp. 709, 607. Em matéria de confusão, Emmanuel Berl é um grande expert: após ter colaborado com o fascista francês Georges Vallois, ele passa à esquerda e apoia o *Front Populaire*, para depois juntar-se ao Marechal Pétain, para o qual escreverá alguns discursos em 1941... [N.d.R.: edição brasileira: *Passagens*. (Edição: Wille Bolle e Olgária Matos; tradução Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão). Belo Horizonte/São Paulo: Ed. UFMG/Imprensa Oficial, 2006.]

5 BERDET, Marc. *Mouvement social et fantasmagories dans Paris, capitale du XIXème siècle*. Thèse de doctorat à l'Université de Paris 7, juin 2009, p.489.

6 BENJAMIN, Walter. "Le surréalisme, le dernier instantané de l'intelligentsia européenne" (1929). *Œuvres II*, op. cit., p. 134. A partir de agora citado por SR. [N.d.R.: edição brasileira: "O Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia", in *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I*. (Tradução Sérgio Paulo Rouanet). 8ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 2012.]

soviético talvez explique a espantosa conclusão política do artigo: "os surrealistas são os únicos que compreenderam a ordem que ele [o *Manifesto Comunista*] nos dá hoje"<sup>7</sup>. Isso ocorre graças à contribuição do materialismo antropológico? Em todo caso, eles aparecem, aos olhos de Benjamin, como verdadeiros herdeiros de Marx e do programa comunista...

A referência à Rimbaud – um dos grandes precursores de seu movimento, aos olhos dos surrealistas – é muito significativa. Ela pode surpreender. Marx e Rimbaud: o sóbrio crítico da economia política e o poeta mágico do *Bateau ivre* são compatíveis? Associando-os, num mesmo parágrafo, Benjamin antecipa aqui André Breton, que, alguns anos mais tarde, irá propor em seu discurso no Congresso dos Escritores contra o fascismo (junho 1935) a seguinte fórmula: “‘Transformar o mundo’ disse Marx; ‘mudar a vida’ disse Rimbaud: para nós, essas duas palavras de ordem não são senão uma”.<sup>8</sup>

Nessa brilhante síntese do programa surrealista, talvez sua definição mais perfeita, não é mais uma questão de convergência ou de analogia, mas simplesmente de uma *fusão*, de "núpcias químicas" – expressão alquímica apreciada pelos surrealistas – entre uma das principais figuras daquilo que Benjamin chama o materialismo antropológico e o pensamento marxista. A politização do surrealismo e sua adesão ao programa marxista agradam a Benjamin, mas isso não significa, a seus olhos, que o surrealismo deva renunciar à sua carga poética e rebelde, pelo contrário:

Ganhar as energias da embriaguez para a revolução: é para isso que tende o surrealismo em todos os seus livros e em todos os seus empreendimentos. Isso é o que ele tem direito de chamar de sua tarefa mais específica<sup>9</sup>.

Em que consiste essa embriaguez, esse *Rausch*<sup>10</sup> da qual os surrealistas seriam os portadores por excelência? Evidentemente, não se trata daquela que resulta de excesso de bebida ... Em *Rua de mão única* (1928), Benjamin se refere à embriaguez como expressão da relação mágica do homem antigo com o cosmos, mas dá a entender que a experiência (*Erfahrung*) do *Rausch* que caracterizava essa

---

<sup>7</sup> SR, p. 134.

<sup>8</sup> BRETON, André. “Discours au Congrès des Ecrivains”» (1935), in *Position politique du surréalisme*. Paris: Denoel/Gonthier, 1972, p. 95. Ver a esse propósito a interessante obra de THOMAS, Frederic. *Rimbaud et Marx: une rencontre surréaliste*. Paris: L’Harmattan, 2007.

<sup>9</sup> SR, p. 130.

<sup>10</sup> N. do R.: em alemão no original.

relação ritual com o mundo desapareceu da sociedade moderna. Ora, no ensaio de 1929, ele parece tê-la reencontrado, sob nova forma, no surrealismo.

Nesse escrito, Benjamin distingue entre manifestações inferiores de embriaguez – "os êxtases da religião ou da droga", que são, aliás, muito próximas, já que "a religião é o ópio do povo" – e suas formas superiores reabilitadas pelo materialismo antropológico: "a ultrapassagem criadora da iluminação religiosa não se encontra nos estupeficientes. Ela se encontra em uma *iluminação profana*, numa inspiração materialista, antropológica ( ... )".<sup>11</sup>

O conceito de "iluminação profana" não é fácil de ser delimitado, mas, sem dúvida, ele reenvia ao brilho, ao fulgor, à incandescência da tentativa surrealista – tipicamente romântica – de re-encantamento do mundo. Uma tentativa radicalmente *profana* porque nada é tão abominável aos olhos dos surrealistas quanto a religião em geral e a católica apostólica romana em particular. Eis porque Benjamin insiste sobre "a revolta amarga e apaixonada contra o catolicismo a partir da qual Rimbaud, Lautréamont, Apollinaire dão nascimento ao surrealismo"<sup>12</sup>.

Curiosamente, Benjamin reprova nos surrealistas "uma concepção muito limitada, não dialética da natureza da embriaguez": eles não se dão conta que a leitura e o pensamento também são iluminação profana; por exemplo,

o estudo mais apaixonado da embriaguez pelo haxixe não nos ensina sobre o pensamento (que é um eminente narcótico) a metade daquilo que essa iluminação profana, que é o pensamento, nos ensina sobre a embriaguez do haxixe<sup>13</sup>.

Essa crítica é tanto mais estranha porque os surrealistas – contrariamente a Benjamin (ver seu texto "Haxixe em Marseille")! – nunca produziram experiências com drogas e sempre manifestaram mais interesse pelas *Confissões de um comedor de ópio* de Thomas de Quincey do que pelo próprio consumo daqueles dois narcóticos.

Entre as iluminações profanas de inspiração materialista antropológica admiradas por Breton e por Benjamin há uma que está inteiramente dentro do espírito daquel *romantismo utópico* – ou do "marxismo gótico", para empregar um conceito proposto por uma historiadora do surrealismo, Margaret Cohen<sup>14</sup> – do qual falamos

---

<sup>11</sup> SR, p. 116-117.

<sup>12</sup> SR, p. 116.

<sup>13</sup> SR, p. 131.

<sup>14</sup> COHEN, M. *Profane illumination. Walter Benjamin and the Paris of Surrealist Revolution*. Berkeley: University of California Press, 2003.

acima: o *amor cortês* da Idade Média. Esse amor, ao qual Breton presta homenagem em *Nadja*, assemelha-se, segundo o historiador da cultura Erich Auerbach, citado por Benjamin, "mais a uma iluminação que a uma fruição sensível", isto é, segundo Benjamin, assemelha-se a uma forma de embriaguez ou "arrebatamento".<sup>15</sup>

No surrealismo, a convergência entre os dois materialismos – o dialético e o antropológico – encontra no ensaio de 1929 uma expressão diretamente política: a convergência – a correção mútua – do comunismo e do anarquismo. A relação dos surrealistas com o segundo é apresentada por Benjamin nos seguintes termos: "Desde Bakunin, a Europa não dispunha mais de uma ideia radical de liberdade. Os surrealistas possuem esta ideia"<sup>16</sup>. Na vasta literatura sobre o surrealismo dos últimos 70 anos é raro encontrar uma fórmula tão plena e capaz de exprimir também por meio de algumas palavras simples e decisivas, o "núcleo inquebrantável da noite" (Breton) desse movimento.

Benjamin considera que "ganhar as energias da embriaguez para a revolução" – cujos laços íntimos com o materialismo antropológico já vimos – é a grande tarefa política do surrealismo. Mas ele acrescenta imediatamente esta reserva:

Para atingi-la não basta que todo ato revolucionário comporte, como nós o sabemos, uma parte de embriaguez. Mas insistir nesta de maneira exclusiva seria negligenciar inteiramente a preparação metódica e disciplinada da revolução em proveito de uma prática que oscila entre o exercício e a celebração antecipada.<sup>17</sup>

Em outros termos, é preciso combinar a embriaguez e a disciplina, o anarquismo e o comunismo, de modo a permitir uma correção recíproca entre os dois. Esta orientação é, aliás, aquela do próprio Benjamin, que se apresenta nos primeiros parágrafos do ensaio como um "observador alemão" que "experimentou na própria carne a extrema vulnerabilidade desta posição entre a fronda anarquista e a disciplina revolucionária."<sup>18</sup> Como se sabe, os surrealistas, e André Breton em particular, irão se situar eles mesmos nesta posição vulnerável, primeiramente à margem do Partido Comunista e depois, após 1935, cooperando com Trotsky e a oposição de esquerda

---

<sup>15</sup> SR, p. 119.

<sup>16</sup> SR, p. 129. Segue-se uma citação de *Nadja* na qual André Breton proclama que a liberdade "em sua forma revolucionária mais simples, que não é menos que a emancipação humana *em todos seus aspectos* (...) permanece a única causa digna de se servir" (*Ibid.* p.130).

<sup>17</sup> SR, p. 130.

<sup>18</sup> SR, pp. 113-114.

– antes de tentar, nos anos 1951-1953, uma colaboração com os comunistas libertários (anarquistas).<sup>19</sup>

\*

Resta saber se o materialismo antropológico e as "energias da embriaguez" não correm o risco de soçobrar no mito. Eis como Marc Berdet põe a questão em sua tese: "A fronteira é tênue entre a utopia e o mito, entre o materialismo antropológico e seu simulacro (...). Como traçar a fronteira sem sacrificar a utopia ao mito?"<sup>20</sup>. De fato, esse risco existe e pode ser ilustrado por um círculo de brilhantes intelectuais franceses, dos quais Benjamin era próximo, embora mantendo uma distância crítica: o *Collège de Sociologie*, animado por Georges Bataille, Roger Caillois, Pierre Klossowski e Michel Leiris, círculo no qual a atração pelo mito é uma das características centrais. O caso de Georges Bataille e de suas relações com os surrealistas é particularmente revelador. A embriaguez toma nele a forma de exaltação do dispêndio, do excesso, da festa, do sacrifício e da morte. Próximo dos surrealistas, ele irá romper com Breton em 1930; uma efêmera reconciliação terá lugar em 1935, em torno do Manifesto *Contra-Ataque*, assinado por Bataille e Klossowski, assim como por Breton, Eluard e outros surrealistas.

O objetivo desse documento era reunir os intelectuais revolucionários, os partidários da luta de classes contra o fascismo, mas ele inclui algumas fórmulas perigosas, que sugerem uma espécie de estranha fascinação pelo inimigo: "nós entendemos (...) nos servir de armas criadas pelo fascismo que soube utilizar a aspiração fundamental dos homens à exaltação afetiva e ao fanatismo"<sup>21</sup>. Alguns meses mais tarde, pouco à vontade com esse argumento inspirado por Bataille, os surrealistas irão abandonar "Contra Ataque" para se reaproximar progressivamente das teses anti-fascistas mais "clássicas" (em termos marxistas) de oposição de esquerda (trotskista). No entanto, é preciso acrescentar que não somente nos surrealistas, mas também em Bataille e seus amigos, não haverá nenhuma passagem

---

19 Ver sobre o tema meu ensaio "Le marxisme libertaire d'André Breton", in *L'étoile du matin. Surréalisme et marxisme*. Paris: Ed. Syllepse, 2000. [N. do R.: publicação brasileira: "O marxismo libertário de André Breton", in *Estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. (Trad. Eliana Aguiar) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.]

20 BERDET, Marc. *Mouvement social et fantasmagories dans Paris, capitale du XIXème siècle*. Thèse de doctorat à l'Université de Paris 7, juin 2009, p.17

21 "Contre Attaque. Union de lutte des intellectuels révolutionnaires", in Maurice Nadeau. *Documents Surréalistes*. Paris: Ed. du Seuil, 1948, p.320.

pelo campo do fascismo, seja antes ou durante a guerra.<sup>22</sup>

Concluindo, a tentativa – inacabada – perfeitamente heterodoxa do ponto de vista das tendências dominantes do marxismo de sua época, de suscitar, *apoiando-se sobre o surrealismo*, uma convergência, aliança, ligação, fusão ou inclusão entre o materialismo dialético e o materialismo antropológico, entre Marx e Rimbaud – mais tarde, no *Livro das Passagens*, entre Marx e Fourier<sup>23</sup> – numa perspectiva de complementaridade e correção recíproca é uma das aventuras intelectuais das mais insólitas e mais fascinantes da obra de Walter Benjamin.

---

22 Salvador Dalí poderia ser uma exceção, mas sua adesão ao "monarquismo" e ao catolicismo na Espanha franquista acentua antes um oportunismo que uma verdadeira escolha política.

23 Também a esse respeito Benjamin se adianta aos surrealistas: André Breton publicará sua *Ode à Charles Fourier* em 1947...